

**AROLD MURÁ G. HAYGERT**

# **VOZES DO PARANÁ**

**RETRATOS DE PARANAENSES**

ALEXANDRE CURI

ARY DE CHRISTAN

BENTO GARCIA JUNIOR

GLEISI HOFFMANN

GUSTAVO FRUET

**IRINEO DA COSTA  
RODRIGUES**

**2**

JAIME LERNER

JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI

LUIZ ALFREDO MALUCELLI

LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ

ELIN TALLAREK DE QUEIROZ

PEDRO CORRÊA DE OLIVEIRA

RAUL TROMBINI

RENÉ DOTTI

RICARDO HOËPERS, PE.

RICARDO PASQUINI

WALDO VIEIRA

WILSON DE ARAÚJO BUENO



**Convivium**  
editora Ltda.

© 2009 Aroldo Murá G. Haygert

#### Produção editorial

Editora Esplendor  
Jubal Sérgio Dohms

#### Revisão

Agostinho Baldin  
Luis Henrique Zanon Franco de Macedo (referências)

#### Projeto gráfico e capa

Jubal Sérgio Dohms  
sobre layout de Clarissa Martinez Menini  
(para o primeiro livro da coleção)

#### Arte

Carlos Augusto Rougemont  
Gilberto Nunes Guerra

#### Fotos

01 e 09: Alexandre Marchetti/Itaipu Binacional  
Fotos 02 a 08 e 10 a 12: arquivo pessoal

Dados internacionais de catalogação na fonte  
Bibliotecária responsável: Angela M. S. Cherobim

H412 Haygert, Aroldo Murá G.  
Vozes do Paraná: retratos de paranaenses /  
Aroldo Murá G. Haygert - Curitiba: Esplendor;  
Convivium 2009.  
300p.: il.; 23 x 28cm.  
ISBN 978-85-98364-21-6

1. Paraná – Biografia. I.Título

CDD ( 22ª ed.) 920.098162

1ª Edição



Para adquirir este livro, entre em contato com a  
**CONVIVIAM EDITORA LTDA.**  
Av. Sete de Setembro 5569, sala 1106  
Curitiba PR  
CEP 80240 001  
Telefone (41) 3243 2530  
contato@conviviumeditora.com



**EDITORA ESPLENDOR**  
Rua Deputado Mário de Barros 752 -  
Juvevê  
Curitiba-PR  
CEP 80530 280  
Telefone (41) 3253 4608  
eduardo@esplendorbrasil.com.br

Impresso no Brasil

## apresentação

Este segundo volume de VOZES DO PARANÁ nasceu porque, sendo parte de um projeto pessoal do autor, foi empurrado por resultados além do esperado. Houve muitas manifestações positivas sobre perfis com que mostrei homem e mulheres singulares da vida paranaense.

De todas as expressões, a que mais me animou foi o olhar sábio que sobre este trabalho colocou o crítico literário e analista da sociedade brasileira – vide História da Inteligência Brasileira e Um Brasil Diferente –, o mestre Wilson Martins.

As observações da genial personalidade brasileira (ele ainda não teve o justo reconhecimento de sua terra) são lições que ficam. Eu as recolhi absolutamente surpreso, compungido, até, pois não imaginava merecer meu livro avaliações de um nome tão paradigmático da cultura brasileira.

Este segundo volume nasce com o compromisso de ampliar os “retratos” de paranaenses, salientando sua obra, pois se trata de gente que ajuda a definir o Paraná contemporâneo de maneira particularmente saliente. São novos construtores da sociedade, parceiros da História. Uma parcela pequeníssima, é certo, mas bem representativa de um Paraná multifacetado.

O livro tem só essa pretensão: registrar as pisadas de alguns, escolhidos entre milhões de paranaenses, como parte de uma mostra preciosa. Conhecê-los pode ser um exercício lúdico, em certos casos; noutros, um desvendar de tipos psicológicos que orgulham o Paraná, por sua obra até internacional.

A leitura dos feitos desses personagens pode propiciar uma boa imersão em realidades valiosas, nem sempre muito conhecidas, absolutamente importantes para o melhor entendimento dessa terra de todas as gentes.

Aroldo Murá G. Haygert  
aroldo@cienciaefe.org.br

Curitiba, 26 de maio de 2009



## Irineo da Costa Rodrigues enxergando além do possível

Que existe em comum entre cinco dioceses do Paraná, a Guerra Guaranítica de 1756, que devastou a região Missioneira do Rio Grande do Sul, os projetos de preservação ambiental desenvolvidos por Itaipu, e o faturamento impressionante de uma cooperativa de Medianeira, Oeste do Paraná, de R\$ 1,5 bilhão em 2008? São muitos pontos de ligação. Todos esses presentes, em algum momento, na história de uma cooperativa agroindustrial de existência fértil e que está nas raízes do desenvolvimento de parte do Oeste paranaense.

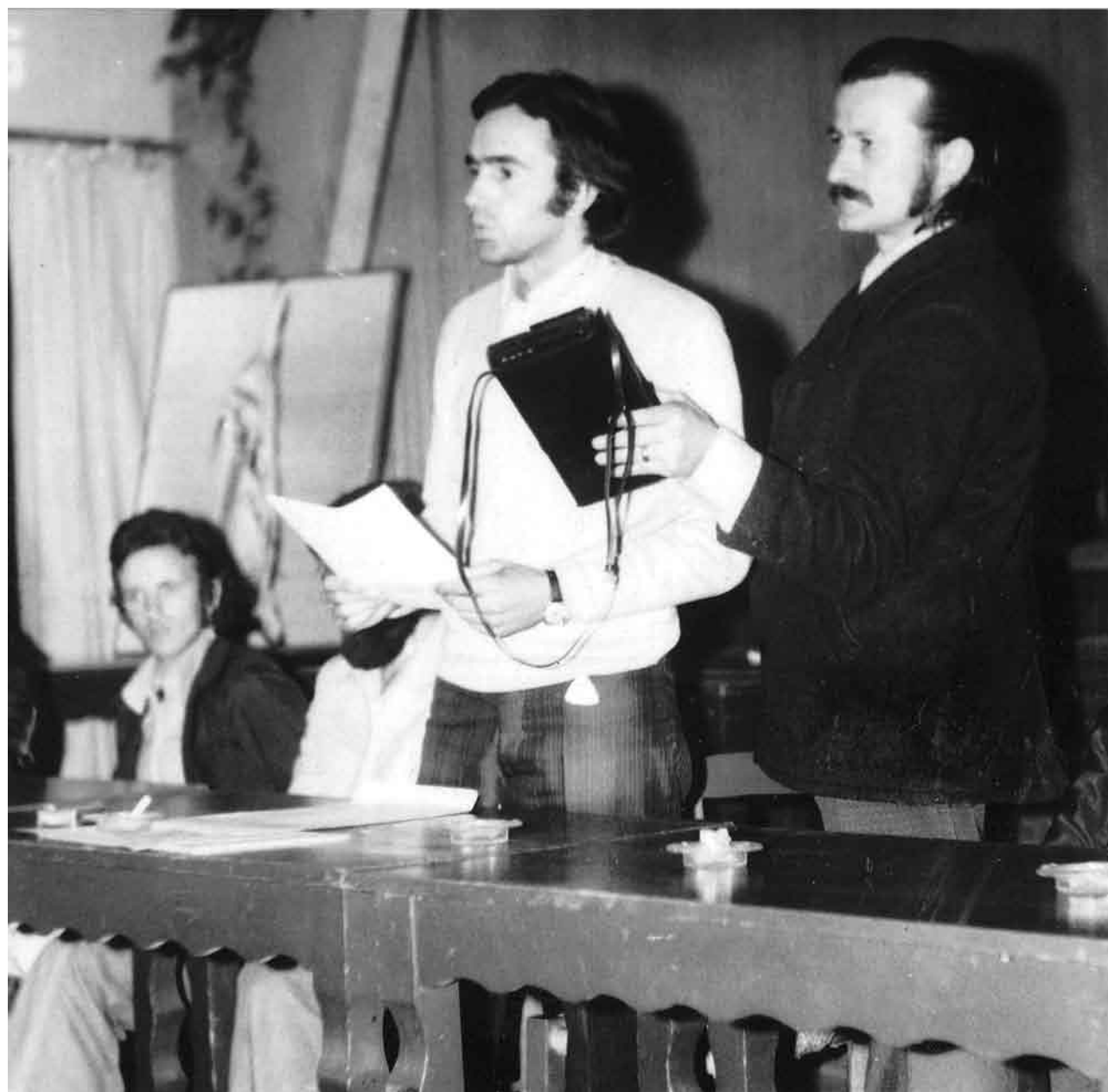
E nesse entrelaçamento de realidades está nosso personagem, o engenheiro-agrônomo Irineo da Costa Rodrigues, 61 anos, um gaúcho de Canguçu, formado por uma das mais tradicionais escolas de agronomia do País, fundada que foi por Dom Pedro II, a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, da Universidade Federal de Pelotas, RS.

Irineo, presidente da Cooperativa Lar, tem vínculos com o Oeste do Paraná desde 1974, quando começou a trabalhar na região como extensionista da Emater. E depois como consultor na área do agronegócios e também na exploração de terras suas com gado jersey.

Eram tempos difíceis aqueles. Mas não exatamente como o dos pioneiros, estes vividos, sim, pelos que antecederam Irineo, início da década de 1960, com a fundação de Missal. Depois, a fundação da cooperativa, as mudanças e sucessões do empreendimento até chegar à Cooperativa Lar, com sede em Medianeira, que ele preside desde 1991.

### **Espaço austero**

A sala de onde ele comanda o gigante empreendimento agroindustrial, entre as 300 maiores empresas do Brasil – com cerca de 8 mil associados, cada um, em média, com 60 hectares, e 4.400 empregados – é austera. É um espaço simples, sem qualquer sinal de que se está no lugar onde negociações milionárias para boa parte do mundo são decididas. Algumas são exportações emblemáticas, como as já consolidadas vendas de filé de frango para o grupo McDonald da Europa. Este é um dado que o presidente menciona sem afetações, repassando um cosmopolitismo/globalização já parte do dia-a-dia dos negócios da Lar. Realidade que faz os produtos da cooperativas percorrem o mundo, indo ao



Falando em reunião  
da EMATER, em  
Matelândia.

distante Japão, por exemplo, todos os dias.

Na sala, alguns sinais definidores, como o crucifixo, lembrando a orientação dos fundadores da cooperativa – e dos atuais sócios –, brasileiros de origem alemã e católicos, vindos de terras gaúchas. Cooperativa que nasceu em 1964 (teve dois nomes anteriormente até chegar à Lar), graças a terras compradas pelos colonos e o descortínio desbravador do padre José Backes que os guiou e liderou em Missal, Oeste do Paraná. Para lá foram ocupar parte da Gleba dos Bispos que Moyses Lupion fizera o Estado doar a obras sociais de cinco dioceses católicas.

ses católicas.

Noutra parede, Irineo tem espalhadas talhas em madeira de um dos artistas populares mais importantes do país, Dirceu Rosa, morador de Cascavel. São peças que registram com criatividade e beleza marcos da fertilidade e frutos da terra do Oeste paranaense.

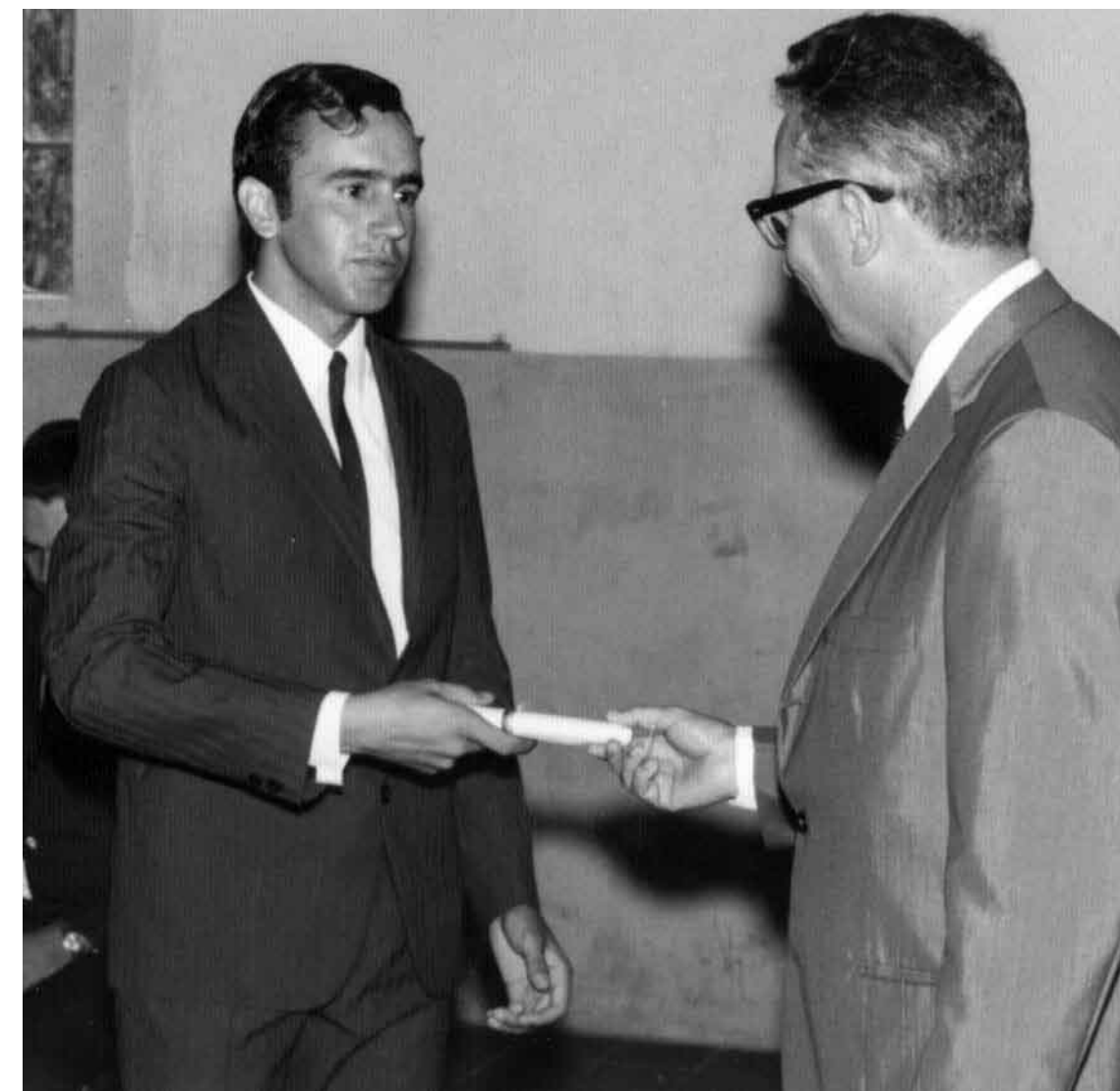
Irineo tem muito a ver com aqueles pioneiros, obstinados caminhantes em busca de futuro e terras para si e para os filhos, eles quase todos vindos de famílias com uma média de dez crianças cada; pioneiros de sobrenomes *deutschen*, que liam a revista mensal “Skt Pau-

lusblatt” em língua alemã, editada na região colonial gaúcha, publicação que cobriu a histórica constituição da cooperativa; pioneiros que descendiam daqueles germânicos (chegados a partir de 1824) que haviam ocupado a região Missioneira do Rio Grande devastada pela guerra guaranítica, mas que no começo dos 1960s dela fugiam, fugindo da saúva, a formiga mineira que nenhum lavoura preservava; eram descendentes de alemães e seus filhos e netos também oriundos de outra área, a Depressão Central do Rio Grande. Eles todos foram os pioneiros, em viagens de caminhões de quatro até 14 dias; nos caminhões levavam comida, gente, os utensílios básicos de uma casa, animais, sonhos, e muita gana de comprar terras férteis no Oeste do Paraná, uma região sem grandes surpresas climáticas, solo generoso

e com tudo para conquistar. Nada mais estimulante do que isso para aquela gente que não mais tinha solo para lavrar e precisava alimentar suas famílias numerosas e construir futuro.

### A grande mudança

O “tudo a ver” de Irineo com o modelo dos fundadores, persistente até hoje entre os associados, talvez explique a mobilidade com que o agrônomo, apoiado pelos conselhos da cooperativa, foi mudando o perfil da Lar, hoje entre as nove cooperativas agroindustriais mais importante do Brasil. A entrada de Irineo foi um marco, trouxe a mudança verticalizadora que levou a Lar a ir além da produção primária e partir para a agroindustrialização garantidora de lucros, de horizontes e futuro.



Primeiros passos do  
futuro agrônomo:  
diploma de técnico  
agrícola, no Rio  
Grande do Sul.



Formatura em  
Agronomia (1973),  
na mais antiga  
escola do Brasil.

“Ele é um gaúcho com uma certa alma mineira”, eis a inteligente observação que ouço, com forte sotaque germano-gaúcho, de um dos anciãos, parte do existente grupo de “pais” da Lar, com quem converso sobre a realidade do empreendimento e da importância de Irineo.

“Hoje ele é uma das peças vitais da engrenagem”, acentua a fonte, que pede para ficar no anonimato.

A história desses teuto-brasileiros, filhos, netos e bisnetos de alemães (presentes no grupo inicial estavam também alguns alemães) é uma epopeia. Alguma coisa a lembrar semelhanças com a corrida para o Oeste americano, como a saga do povo mórmon em busca de sua Terra Prometida, na primeira metade do século XIX. Os mórmons empurravam carroções, os “alemães” enfrentavam as estradas precárias, empilhados em caminhões idem. Mórmons e essa gente gaúcha foram colonos fantásticos, lubrificadas pela fé religiosa, em busca de uma

nova “Terra Prometida”.

A história da Lar tem tantas semelhanças com aqueles pioneiros? Tem. Mas o marco da grande guinada da cooperativa para a modernidade dá-se com o agrônomo gaúcho de Canguçu, filho de pequenos agricultores, uma infância segura, raízes modestas, alguém que soube apanhar as oportunidades de uma boa educação, a partir do ginásio técnico, a escola técnica rural e a faculdade. Na universidade, o ameno e polido Irineo foi líder desde o começo, dirigindo centro acadêmico e movimentos estudantis. Mas seu projeto era mesmo o de ser um fazedor.

Tempos que já definiam o grande poder de liderança e decisão de Irineo, realidades confirmadas no início da década de 1990, quando ele promoveu a grande – e salvadora – guinada da Lar, com a introdução de novas atividades, o que só foi possível com o processo de in-

dustrialização. Foi daí que a cooperativa assumiu novo perfil, com um amplo parque industrial que começou a processar mandioca, hortigranjeiros, ave de corte, soja desativada, rações e carnes. Estupenda guinada registrada por um livro precioso, assinado pelo professor Roberto Marin, “Os 40 anos da cooperativa agroindustrial Lar”. É uma ampla e bem fundamentada imersão numa parcela diferenciada da população sulista, com descrições que ajudam a entender o *animus* presente em parte do Oeste do Estado. História, Sociologia, pinceladas de Antropologia na obra que merece ir para a seção de História do Paraná de qualquer biblioteca. E mais: ajuda a entender parte da presença gaúcha, vital na grande arancada da região, e a compreender a singularidade de um homem controvertido – briguento, sábio, birrento, desorganizado, conservador, renovador, sonhador, realizador – que foi o fundador da Lar, padre José Backes, ou padre Pascoalino, como queria ser chamado. Um carismático obcecado por seu projeto de líder, misto de “profeta”, capaz de levar aquele povo ao caminho de sua realização, retirando-o do futuro zero no Rio Grande.

Irineo não toma ares de “salvador”, parte da característica do padre-fundador. Trata a Lar sem messianismos. Colhe frutos de uma sólida liderança administrativa. É resultado de formação acadêmica, mas sobretudo de um caminhar bem sucedido nessa área da agroindústria.

Se por um lado é visivelmente autoconfiante, mantém-se reservado. O que limita, por exemplo, uma entrevista ampla sobre ele mesmo e sua obra. Joga um pouco “na defesa”, polidamente. É o homem do muito refletir, nada de decisões e gestos precipitados. O que, de alguma forma, está também no temperamento dos teuto-brasileiros da Lar.

Mas não se tenha a ideia de que ele é solitário nas decisões. É, isto sim, o artífice que entrega o mapa dos caminhos ao julgamento dos conselhos e assembleia geral da cooperativa. Se aprovados os projetos, Irineo vira o capitão de grandes conquistas, mesmo em mares agitados, como foram os anos 90s.

Sobre Irineo, recolha-se essa análise apropriadíssima, que ajuda a interpretar um “fazedor por natureza”



Primeiro à esquerda:  
no Colégio Agrícola  
Visconde da Graça,  
em Pelotas (RS),  
1967.



*Irineo presidindo reunião de agricultores e lideranças regionais.*

como ele é: “Faz (Irineo) parte de um grupo seleta de cidadãos que enxerga além do possível, e que busca soluções além das plausíveis, em nome do bem comum e de um mundo melhor”. Palavras da veterinária Milena Vargas de Oliveira Jorge, no livro “Retratos da Lembrança”, editado pela Prefeitura de Matelândia.

Um mundo melhor que o prático empreendedor Irineo sabe só ser possível a partir de gestos precisos em defesa desse planeta comum e tão ameaçado. Tal como faz quando responde “sim” às propostas da equipe de Jorge Samek, e se engaja com sua cooperativa em projetos em favor de águas limpas, como os desenvolvidos por Itaipu.

### **Os primeiros passos**

Das primeiras impressões que teve da paisagem interiorana de Matelândia, quando ali chegou nos primeiros dias de 1974, ficou na memória uma placa à beira da estrada que dizia: “Hotel Ampessan e Posto Shell a 4

Km”. Na época, eram muitos os sonhos que passavam pela cabeça desse jovem gaúcho de Cambuçu, que acabara de se formar.

Recém-concursado da então Acarpa (hoje Emater, o braço de extensão rural e apoio ao produtor da Secretaria de Estado da Agricultura), Irineo da Costa Rodrigues chegava ao Oeste Paranaense para começar sua vida profissional.

O que ele não imaginava é que, no exato lugar em que estava essa placa, futuramente se localizaria uma das maiores e mais modernas unidades industriais de aves do país, parte do negócio hoje comandado por Irineo: a Cooperativa Lar.

Uma das principais forças da agropecuária paranaense, a Lar soma 8.400 cooperados, com presença em 12 municípios do Oeste Paranaense, sete do Mato Grosso do Sul, e unidades de recebimento de grãos no Paraguai. Figura entre as 50 maiores companhias do Sul, é a nona maior exportadora de frangos do país, quarta empresa



*Irineo recebendo 3 Prêmios de Cooperativa do Ano do então Ministro da Agricultura Roberto Rodrigues e de Márcio Lopes de Freitas, presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras.*



*Em 2005, de volta à cidade natal, Canguçu, RS, para receber homenagem da Câmara Municipal.*



Na sala austera,  
o comando geral  
de negócio  
de R\$ 1,5 bilhão.

mais admirada do agronegócio brasileiro, segundo a revista Carta Capital, e é 10ª no ranking estadual de companhias de maior crescimento e 9ª em rentabilidade, de acordo com a revista Exame (todos dados de 2008).

### McDonald's da Europa

Essa performance nos diversos rankings da imprensa especializada em economia e no agronegócio decorre dos impressionantes números da Lar. Com um faturamento de R\$ 1,5 bilhão, a cooperativa possui uma invejável estrutura própria, que inclui 20 unidades para recebimento, secagem, armazenamento de cereais, industrialização e comércio de insumos, nove indústrias, treze supermercados, uma unidade produtora de matrizes de suínos, duas para a produção de leitões, e um matriseiro de aves e produção de pintainhos. Os principais produtos são frango, soja, hortigranjeiros congelados e enlatados, amido de mandioca e derivados de milho.

Um quarto do faturamento é oriundo de exportações que chegam a mais de 30 países, especialmente os da região da Europa e do Japão, mercados que a Lar con-

quistou em grande parte devido à adoção de cortes especiais e a produtos pré-cozidos em sua linha industrial de aves (a cooperativa é, por exemplo, fornecedora da rede McDonald's na Europa).

Irineo vem participando dessa história de sucesso desde os anos 80. Sua primeira atuação na Lar foi como diretor, entre 1984 e 1986, quando a cooperativa ainda se chamava Cotrefal. O serviço público já havia ficado para trás (deixou a Emater em 79 para atuar como consultor). A experiência como gestor de um grande negócio começou, na verdade, com a Frimesa, que o contratou entre 1980 e 1983 para tirá-la de uma fase de dificuldades.

### Associação de pessoas

O cargo de presidente da Lar veio em 1991, posição que ocupa até os dias de hoje. "A cooperativa é uma associação de pessoas, não de capital. O objetivo é viabilizar o desenvolvimento econômico e social de pequenos produtores, de caráter familiar", define. "Naquele início da década de 90, vivíamos o começo da abertura

econômica. Nesse contexto, o pequeno agricultor não iria se viabilizar só com a produção de grãos. Daí a nossa preocupação com a diversificação das fontes de renda e com a industrialização, para agregar valor aos produtos", completa.

A rotina diária de Irineo é de cerca de 10 horas de trabalho (reserva ainda outras duas ou três para cuidar de seu próprio negócio). Quer trabalhar nesse ritmo mais cinco anos. Depois disso, dará mais atenção para aquilo que hoje encara como hobby, especialmente a bovino-cultura do leite, com gado jersey, raça de boa produção

leiteira que Irineo trouxe consigo para o Paraná e que já era tradicionalmente criada pela família no Rio Grande do Sul.

Após 35 anos no Oeste do Paraná, sendo que a maior parte desse tempo morou em sua propriedade rural, em Matelândia, ele se diz mais paranaense do que gaúcho. "O Oeste do Paraná é uma das regiões mais dinâmicas do país. Tem essa riqueza natural inestimável, que está na qualidade do solo, na regularidade do clima, na luminosidade. Aqui é muito raro um evento climático adverso, o que é muito bom para quem gosta de viver da agri-



Cidadão Honorário  
do Paraná, em 2005.

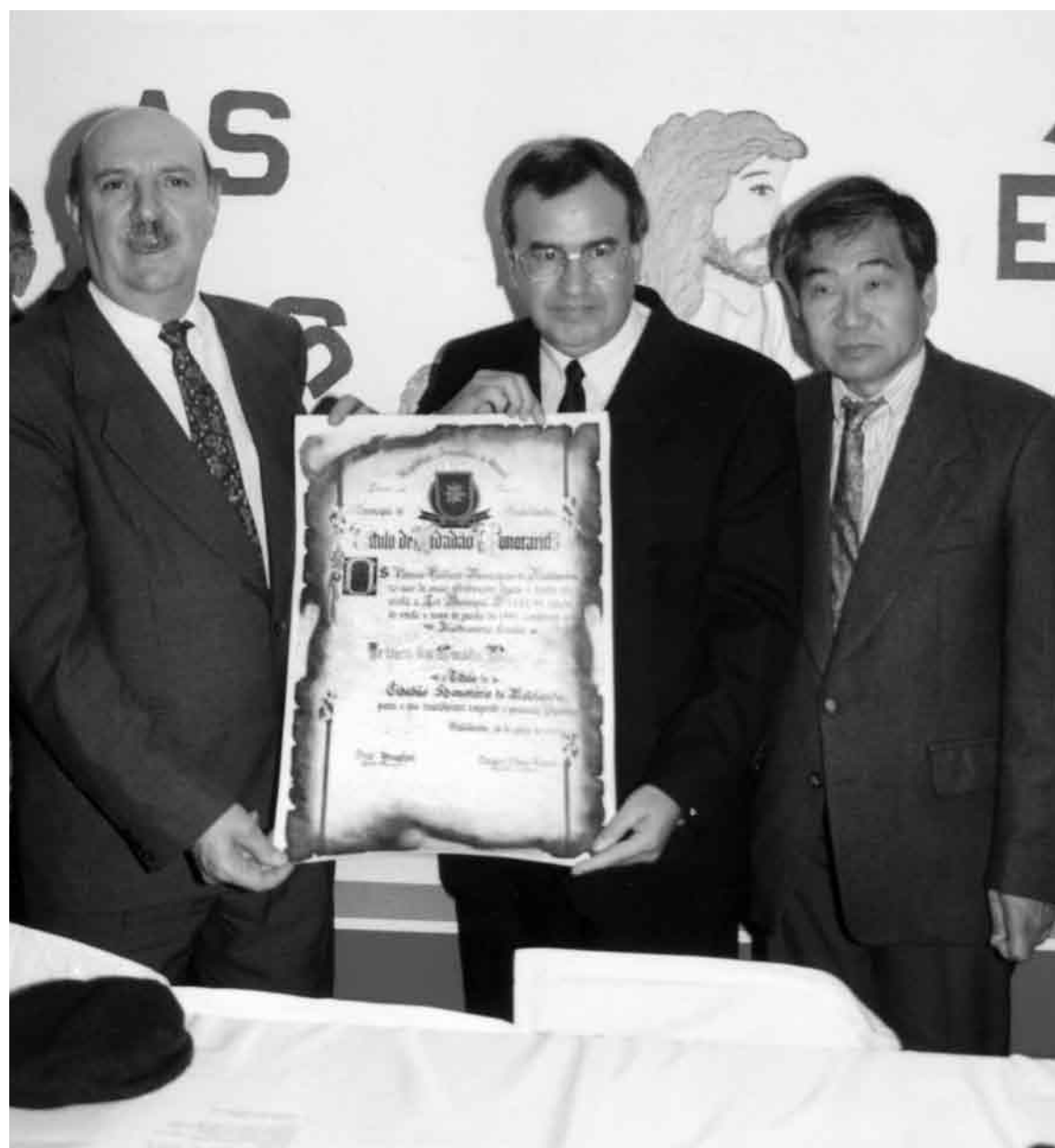
cultura”, afirma, justificando sua escolha pela região.

É nessa propriedade de Matelândia, chamada Cabaña Iguaçu, em que ele planta soja, milho e trigo, e cria gado jersey, atividades que quer deixar para os filhos (o mais velho, que leva o nome do pai, é veterinário, o do meio, Marcelo, é agrônomo e o mais novo Rodrigo, ainda estuda).

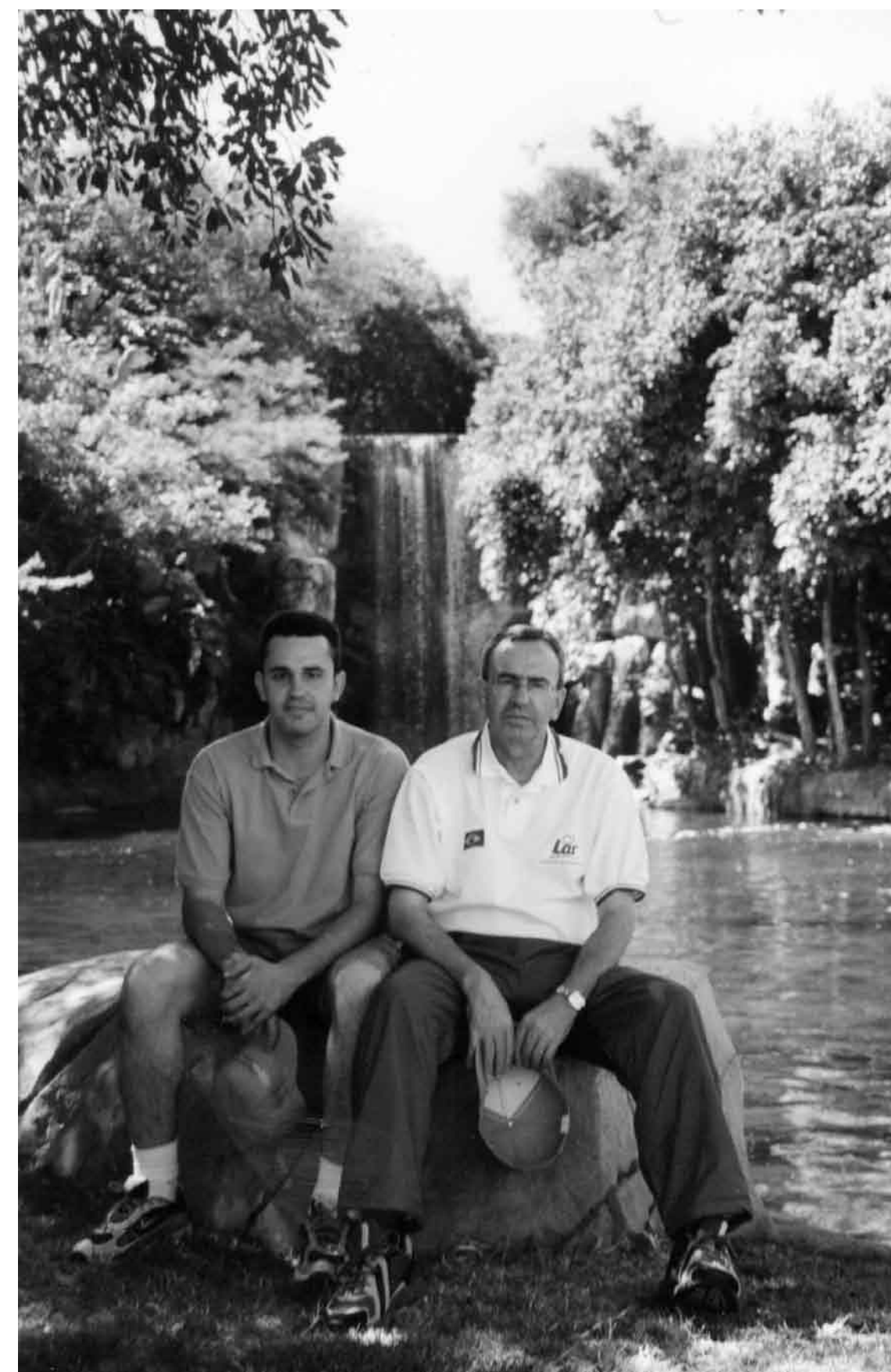
Entre os outros hobbies a que se dedica durante os poucos períodos em que não está ocupado com o comando da Lar, estão as caminhadas, o inseparável churrasco e os livros. “Ultimamente tenho lido mais sobre

a história recente do mundo. É o tipo de leitura que nos ajuda a entender os conflitos atuais e a perceber as tendências, o que tem muito valor para o trabalho que faço”, diz Irineo.

Entre os livros recentes que leu estão “1808”, de Laurentino Gomes, “Uma breve história do mundo” e “Uma breve história do século XX”, ambos de Geoffrey Blainey, e “Pós-guerra - Uma história da Europa após 1945”, de Tony Judt, que está lendo no momento. A próxima obra a ocupar sua cabeça deverá ser “Planeta Índia”, de Mira Kamdar.



*Recebendo o título de Cidadão Honorário, em Matelândia (1999).*



*Na África do Sul, com o filho Irineo Jr.*

### **Objetividade, a marca**

A fala tranqüila, o ar reservado e a forma estruturada como expõe seus pensamentos indicam uma pessoa metódica e bastante organizada. A secretária Janete Ester Baronio, que trabalha há 21 anos na Lar (18 deles com o “seu Irineo”), revela que a importância do cargo não faz do presidente uma pessoa inacessível. Ao contrário, está sempre aberto ao diálogo. Mas nem por isso deixa de ser exigente. “É um homem muito objetivo, sempre deixa bem claro o que vai fazer, como quer que seja a reunião, que detalhes quer que sejam acertados para uma viagem. Nunca deixa nada para depois e tem uma excelente memória. Lembra detalhes que muitas vezes escapam a seus assessores”, conta Janete.

Uma de suas principais características é o rigoroso cumprimento de horários. Além de ser bastante pontual, ele exige que seus colaboradores tenham a mesma atitude. Seu domínio do tempo é impecável, o que fica bastante evidente quando ele tem que dar uma entrevista ou se tem que falar em público. “Se lhe dão 10 minutos, ele usa exatamente o tempo que tem e consegue transmitir tudo o que queria”, acrescenta Janete.

Desde a inesquecível viagem de ônibus que fez de Cascavel a Matelândia em janeiro de 1974, Irineo têm convivido com diversos desafios da atividade agropecuária no Oeste paranaense. Naquela época, o campo começava a receber os primeiros esforços de mecanização, ao mesmo tempo em que se desenvolviam técnicas para lidar com problemas que vinham minando a produtividade, como a erosão, por exemplo.

### **Desafio ambiental**

Hoje, os desafios são de ordem ambiental e a Lar vem se dispondo a enfrentá-los com uma atitude de vanguarda. Localizada em uma região caracterizada por grandes mananciais de água, em especial o reservatório da Itaipu Binacional, a cooperativa se propôs a tratar, na fonte, os efluentes das atividades agropecuárias e agroindustriais, para assim evitar a poluição dos rios e outros corpos d’água.

Como resultado dessa iniciativa, realizada em parceria com a Itaipu, a Copel e outros parceiros, um dos cooperados – José Carlos Colombar – teve sua propriedade – que é dedicada à suinocultura – convertida em

uma unidade-modelo para a realização de testes de segurança e viabilidade da geração de energia elétrica a partir dos dejetos da agropecuária. Passada essa fase de testes, validados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), a Lar adotou esse sistema de geração energética em suas unidades de produção de vegetais e de criação de suínos, ambas em Itaipulândia, e também na unidade industrial de aves, em Matelândia. Além de suprir a eletricidade consumida nas instalações, o gerador produz para a rede pública, energia que é remunerada pela Copel, inaugurando no país uma nova fonte de renda para produtores rurais.

E é no abatedouro de Matelândia que a Lar está implantando um projeto inédito no Brasil, no campo da avicultura, e que une a geração de energia com a venda de créditos de carbono. O sistema renderá 20 mil créditos de carbono ao ano, ou seja, deixarão de ser emitidas para a atmosfera 20 mil toneladas anuais de CO<sub>2</sub>. A comercialização desses créditos será feita pela empresa espanhola Zero Emissions, do grupo Abengoa, e irá gerar uma renda variável, que depende de cotação em bolsa, mas que deverá ser superior a 120 mil euros por ano, dinheiro que se somará à economia da Lar na conta de luz. Esse comércio foi instituído pelo Protocolo de Kyoto e permite a países desenvolvidos, com metas apertadas de redução de emissões de gases estufa, adquirir créditos de países em desenvolvimento, através do chamado Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL). “Acreditamos que esse tipo de projeto vai crescer cada vez mais no Brasil por causa da preocupação ambiental”, afirma Irineo.

Calmo, metódico, espírito organizado, Irineo tem sido no Oeste do Paraná um seguro exemplo de administrador modelo: recorre às amplas facilidades geradas pela globalização e avanço tecnológico para ampliar o negócio que dirige. Mas, ao mesmo tempo, sem fazer concessões a modismos e ostentações. Tudo isso, acrescenta-se, com os olhos fixados numa história que os “pais” da Lar plantaram, caracterizada por persistência, profunda inserção no mundo do trabalho e no cultivo a valores éticos imutáveis.